

MÔNICA VASCONCELLOS DELFINO RODRIGUES

**VIOLÊNCIA E PROCESSO CIVILIZATÓRIO: EXCESSO,
LIMITE, MAL-ESTAR**

Porto Alegre (RS), 2007

MÔNICA VASCONCELLOS DELFINO RODRIGUES

**VIOLÊNCIA E PROCESSO CIVILIZATÓRIO: EXCESSO,
LIMITE, MAL-ESTAR**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais - Mestrado, da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Área de concentração: Violência.

Linha de pesquisa: Cultura e violência

Orientador Prof. Dr. Salo de Carvalho

Porto Alegre (RS), 2007

RESUMO

O presente trabalho empreende uma interpretação do mal-estar no processo civilizatório e de sua atuação na forma de violência na atualidade. Indica que o ingrediente fundamental da Modernidade é o movimento, a circulação. Aponta a inscrição da Modernidade como uma nova organização psíquica que necessariamente introduz uma subjetividade outra que não se define pelo mundo em que se encontra, mas pelo que encontra no mundo, o que faz, o que transforma. Constata que tal inscrição subjetiva se faz, irremediavelmente, pelo signo da violência: seja a violência fundante seja a violência da ordem do gozo, do abuso, do aniquilamento do outro, da crueldade. Ressalta que este duplo encargo da violência aponta a existência de um excesso que acaba por se manifestar em todos os espaços. Revela a impossibilidade de contenção desta força. Sinaliza, no entanto, a possibilidade de sua gestão ética convidando a insistir no valor do desejo como forma de não sucumbir à barbárie.

Palavras-chaves: mal-estar, processo civilizatório, violência, gozo, excesso, Modernidade, limite, desejo.

RESUME

Ce travail entreprend d'interpréter le malaise dans le processus civilisateur et son action sous forme de violence dans l'actualité. Il indique que la composante fondamentale de la Modernité est le mouvement, la circulation. Il montre l'inscription de la Modernité comme une nouvelle organisation psychique qui introduit une autre subjectivité ne se définissant pas par le monde où elle se trouve, mais par ce qu'elle trouve dans le monde, par ce qu'elle fait, par ce qu'elle transforme. Il constate qu'une telle inscription subjective s'accomplit, irrémédiablement, sous le signe de la violence: que ce soit la violence fondatrice ou la violence de l'ordre de la jouissance, de l'abus, de l'anéantissement de l'autre, de la cruauté. Il fait ressortir que cette double charge de la violence entraîne l'existence d'un excès qui finit par se manifester dans tous les domaines. Il révèle l'impossibilité de contenir cette force. Il signale, cependant, la possibilité d'en faire une gestion éthique et nous invite à insister sur la valeur du désir en tant que moyen de ne pas succomber à la barbarie.

Mots-clés: malaise, processus civilisateur, violence, jouissance, excès, Modernité, limite, désir.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A MODERNIDADE E SUAS CONDIÇÕES DE CONSTITUIÇÃO	14
1.1 Narrar a Modernidade	14
1.2 Viver não é preciso, navegar é preciso	16
1.3 Um universo infinito	19
1.4 Um turbilhão de sentimentos	23
1.5 <i>Fiat lux</i>	28
1.6 Eclipse: uma viagem em direção ao lado de dentro	36
1.7 Um novo Éden	42
1.8 <i>Fin-de-siècle</i>	47
1.9 Vacância, errância, angústia e solidão	53
2 O MAL-ESTAR NA MODERNIDADE	56
2.1 Escutar o homem é escutar a humanidade	56
2.2 Mal-estar como leitura da Modernidade	58
2.3 Esboços do mal-estar: a gênese de um discurso	61
2.4 O mal-estar	77
2.5 Felicidade e mal-estar	87
3 MAL-ESTAR NA ATUALIDADE	92
3.1 Estado das coisas na atualidade	95
3.2 Da exibição e da transparência	97
3.3 O estado das trocas e a dessimbolização	103
3.4 Fim das grandes narrativas	108

3.4.1 eu, tu, Ele... ..	110
3.5 Violência	114
3.5.1 Gozo e inveja	118
3.5.2 Gozo e ressentimento, tu, Ele... ..	123
3.5.2.1 Esquecer – ‘Inquecer’	130
3.6 Desejo de resistência	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	141

INTRODUÇÃO

A escrita evoca suas leis: a frase começa com letra maiúscula, assim rege a gramática. Seja ela a primeira linha de um texto ou esteja ela no final do último capítulo, abrir-se-á sempre em maiúscula. A gramática nos adverte, então, de que o começo pode ser o início dos tempos ou apenas a pausa onde tudo (re)começa. Assim é também o ponto final “onde uma história termina para começar na frase seguinte”¹.

Souza refere que Freud mostrou, como nenhum outro, que “interpretar é uma forma de pontuar um texto, ou seja, dar-lhe um tempo, um ritmo, uma consistência”². Assim é que, neste trabalho, desejamos empreender uma interpretação do mal-estar na Modernidade e de sua atuação na forma de violência na atualidade como quem lê seu texto em voz alta³, ou seja, como quem pontua um texto, buscando-lhes um tempo, um ritmo e alguma consistência. Nossa gramática: Freud, sua leitura crítica à Modernidade e a aposta de deixar seu texto falar através da voz de outros pensadores da atualidade.

¹ SOUZA, Edson. *Freud*. São Paulo: Editora Abril, 2005, p. 11-12.

² SOUZA, E., 2005, p. 11.

³ “Na leitura em voz alta, que supõe um interlocutor presente, as frases podem ser acompanhadas de recursos que excedem o texto puro e simples. As inflexões da voz, as pausas, os gestos e outros elementos perfazem o tecido que propicia ou tenta a compreensão do texto, e conseqüentemente do orador”. PEREIRA, Robson de Freitas. Litoral, sintoma, encontro... In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, APPOA, n. 30, 2006, p. 53-68.

O ingrediente fundamental da Modernidade é o movimento, a circulação. Quer falemos da circulação de homens pelo globo terrestre, ou mesmo para fora dele como pudemos experimentar desde o século passado, quer falemos da mobilidade social experimentada desde a aurora da Modernidade ou ainda da circulação de mercadorias e, muito atualmente, da errância em busca do gozo, tratamos aqui de uma civilização em movimento.

Cartografar este movimento é o desejo desta escrita que aposta na inscrição da Modernidade como uma nova organização psíquica que necessariamente introduz uma subjetividade outra que não se define pelo mundo em que se encontra, mas pelo que encontra no mundo, o que faz, o que transforma. Tal inscrição subjetiva se faz, irremediavelmente, pelo signo da violência: seja a violência fundante – aquela que põe o desejo em movimento – , seja a violência do narcisismo das pequenas diferenças.

A manifestação da violência desempenhou sempre uma função de enorme vulto no processo civilizatório não constituindo fato recente. É de uma violência fundamental que falamos primeiramente. Característica da constituição do sujeito pela obrigatoriedade de sua alienação ao Outro sem o quê sua existência é nada, a violência que funda, que dá a vida psíquica é também aquela que num giro paranóide quer destruir o outro.

Traçamos as linhas daquilo que é da ordem da constituição das relações humanas, ou seja, da positividade da violência e daquilo que é da ordem do gozo, do abuso, do aniquilamento do outro, da crueldade. Este duplo encargo da violência atesta que existe um excesso que acaba por se manifestar em todos os espaços. Além disso, revela a impossibilidade de contenção desta força, deixando-nos, no entanto, a possibilidade de sua gestão ética.

De outro lado, a atualidade experimenta, com inédita intensidade, um apagamento da fronteira que delimita os espaços psíquico e social; o público e privado, assim como está borrado o intervalo entre a fantasia e o ato, entre o sujeito e o objeto. Nesta cena de atrofia, perdem-se as possibilidades de intermediação simbólica, de negociação política, de circulação do desejo.

A violência será uma presença constante já que é a capacidade de consumo de cada indivíduo, numa sociedade neoliberal, que confere legitimidade para ocupar um lugar na cena social. Diferentes capacidades de inserção no cotidiano das trocas representam frustrações dificilmente contornáveis pela via simbólica e cobrarão sua fatura na forma de ato. Afinal, há que se garantir os objetos que são senhas para ser e habitar na atualidade.

A capacidade de ser está diretamente ligada à capacidade de ter e, sob a crença da existência de um objeto real, disponível que

tampone a incompletude e afaste a infelicidade dela decorrente, encontramos diferentes sentimentos e estilos de vida que são produzidos e combinados à serviço do imperativo do gozo, sendo este o traço distintivo dos processos de subjetivação da atualidade.

Mas, tributo de nossa inscrição na linguagem, fica sempre um resto corolário do mal-estar; permanece inviolável um resíduo inominável em toda operação formalizada pelo sujeito em direção ao objeto que se anuncia como a possibilidade de se apreender o que lhe falta. Como nos preveniu Drummond,

De tudo fica um pouco.
Não muito: de uma torneira
pinga esta gota absurda,
meio sal e meio álcool,
salta esta perna de rã,
este vidro de relógio
partido em mil esperanças,
este pescoço de cisne,
este segredo infantil...
(...) simplório arrote, gemido
de víscera inconformada,
e minúsculos artefatos:
campânula, alvéolo, cápsula
de revólver...de aspirina.
De tudo ficou um pouco.
(...) Mas de tudo, terrível, fica um pouco,
e sob as ondas ritmadas
e sob as nuvens e os ventos
e sob as pontes e sob os túneis
e sob as labaredas o sob o sarcasmo
e sob a gosma e sob o vômito
e sob o soluço, o cárcere, o esquecido
e sob os espetáculos e sob a morte de escarlate
e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
e sob tu mesmo e sob os teus pés já duros
e sob os gonzos da família e da classe,
fica sempre um pouco de tudo.
Às vezes um botão. Às vezes um rato.⁴

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond. *Resíduo*. In: *Antologia poética*. 21. ed. Rio de Janeiro:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atualidade pode ser descrita como um canteiro de obras onde se observa o aparecimento de uma forma de subjetivação sem precedentes na história recente já que não repete os moldes que deram forma ao sujeito moderno, mas que é a encarnação do que este último esboçou em seu horizonte.

Há que se considerar, primeiramente, que este estado 'em obras' avisa das dificuldades deste tempo já que não oferece absolutamente nenhum traço de referências de que se possa lançar mão nesta tarefa de se constituir como sujeito, ou mesmo para se pensar o estar-no-mundo. Vale a pena também considerar que a transitoriedade daquilo que está 'em obras' pode funcionar como oportunidade excepcional para um salto em outra direção que não a da nostalgia por um passado recente o qual, apenas por descuido e pressa, possa, comparativamente, parecer menos indigesto, mas um tempo ainda não sabido e difícil de antecipar, todavia ainda promissor posto que aberto.

Não se trata de procurar tamponar os buracos com éticas de pureza ou com posicionamentos de meio-termo, mas ao contrário achar um modo de viver esburacado, algo como uma questão de estilo. Ou como nos lembra Costa "não se trata de elogiar a doçura hipócrita dos

que acendem velas para 'o diabo e o bom Deus'. Trata-se de sugerir que a arte de viver é a de criar o 'suficientemente bom', de fazer o possível para que o melhor se torne uma real possibilidade para todos".⁵

A arte de criar o 'suficientemente bom' passa longe da arte de criar o 'ideal'. Não é a busca de uma regra, ou mesmo uma referência, custe o que custar, mas que se possa quase que artesanalmente criar uma regra e, isto feito, que se a saiba burlar, transgredir e/ou ultrapassar. Isto porque ser 'suficientemente bom' implica numa parcialidade do bom: ser bom naquilo em que se é (bom); no que não se chega a ser, há que se ser paciente e tolerante.

É assim que ainda com Costa relembramos que a crítica aos pontos de estrangulamento da cultura atual não é o endereçamento de um pedido de ressurreição de ideais cediços, nem a crença na vinda de utopias salvadoras, mas é o desejo de "dar crédito ao novo início"⁶, ainda que nos seja impossível, e nos pareça mesmo quase desnecessário, precisar temporal e espacialmente um início. Preferimos nos localizar no olho do furacão⁷, onde coexistem fragmentos, partes inteiras e puro movimento, mas onde novas configurações já se podem observar.

⁵ COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a alma: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 21.

⁶ COSTA, J., 2004, p. 21.

⁷ Digressão interessante: na infância, entre os irmãos, um furacão era um furo/buraco enorme num tecido por exemplo.

Neste turbilhão, um desagradável paradoxo assombra a atualidade: há um onipresente discurso sobre a violência e uma insistente negação da mesma. Apesar do impacto da escrita freudiana e das releituras que a ela se seguiram, o homem contemporâneo se ressentido em assumir a possibilidade de uma violência fundamental, presente na constituição de cada sujeito e abriga-se do incômodo de reconhecê-la já que ela expõe seu poder de destruir o outro e, mais, ela sublinha a radicalidade a que pode chegar esta exclusão que se dá na base do 'ou eu ou nada'. O outro, garante de nossa constituição e sobrevivência psíquica, é, ao mesmo tempo – e talvez por isso –, a mais aterrorizante ameaça.

O homem moderno não se define mais por valores universais que sustentem suas ações de modo a que sejam moral e eticamente válidas para qualquer situação. Este homem viveu a ruptura dos padrões de tradição e filiação e pode desfrutar de uma interessante mobilidade nos papéis sociais. Em contrapartida, precisa buscar resposta à dolorosa pergunta sobre qual é seu lugar no mundo. A razão subjetiva constitui o valor principal de uma sociedade narcisicamente organizada.

Nesta organização, tal qual a madrasta da branca de neve, o sujeito relança ansiosamente a pergunta ao espelho: a resposta vem de fora, antecipada no olhar do outro. Dependemos excessivamente do

outro que não funciona exatamente e apenas como um espelho plano, mas como que refletindo também o que nos falta. Por isso, o olhar do outro é também aterrador: devolve uma imagem tão em desacordo com o ideal, tão diferente daquela esperada, tão insuficiente que faz pensar num inimigo.

Nossa investigação considera que, em verdade, o inimigo é aquele que convida ao gozo fazendo crer que há objetos que podem obturar a falta primordial, e não aquele que aponta a falta e por meio desta sinaliza que nunca se encontra o que se foi buscar.

Assim, como as narrativas de Sherazade que postergam para o dia seguinte o fechamento da história e assim lhe garantem não sucumbir à barbárie de um imperativo, também tem de funcionar o social sempre projetando o sujeito, através do desejo, um pouco mais à frente para que lhe seja possível escapar sucumbir à barbárie imposta pelo imperativo do gozo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014 p.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Resíduo*. In: *Antologia poética*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 1962.

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud et Nietzsche*. Paris: PUF, 1988.

BAUDELAIRE, Charles. *Curiosités esthétiques*. Lausanne: Editions de l'Oeil, 1956.

BAUMER, Franklin Le Van. *O Pensamento Europeu Moderno: séculos XVII e XVIII*. Trad. Maria Manuela Alberty. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. *O Pensamento Europeu Moderno: séculos XIX e XX*. Trad. Maria Manuela Alberty. Lisboa: Edições 70, 1977

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. *Histoire du vingtième siècle: de 1900 à nos jours*. Tomo I. Paris: Hatier, 1987.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Soberania, crueldade e servidão: mal-estar, subjetividade e projetos identitários na modernidade. In: *Psicanálise e formas de subjetivação* contemporâneas. Tereza Pinheiro (Org). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

_____. Sociedade sitiada. In: *Discursos sediciosos*, n. 14. Rio de Janeiro: ICC/Revan, 2004.

_____. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRANDÃO, Paulo T. *Ações constitucionais: novos direitos e acesso à justiça*. Florianópolis: Habitus, 2001.

BUARQUE, Chico; PONTES, Paulo. *Gota d'água*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BUSSARELLO, Raulino. *Dicionário Básico Latino-Português*. 4. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. *Crônicas do Individualismo Cotidiano*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. A Psicanálise e o sujeito colonial. In: *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Edson Souza (Org.) Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

_____. Mata mas não estripa. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 de junho de 2002 (Ilustrada).

_____. *Terra de Ninguém*. São Paulo: Publifolha, 2004.

_____. Quantos Você matou? Folha de São Paulo, São Paulo, 26 de outubro de 2006.

_____. *Você quer mesmo ser feliz?* Folha de São Paulo, São Paulo, 25 de janeiro de 2007.

CELAN, Paulo. Salmos. In: *Sete rosas mais tarde: antologia poética*. Lisboa: Cotovia, 1996.

COSTA, Ana Maria Medeiros. Três registros sobre a violência. In: *Psicanálise em tempos de violência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, ano VI, n. 12, Porto Alegre, Artes e Ofícios, [s.d.].

COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a alma: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CRUXÊN, Orlando. *A sublimação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a servidão na sociedade ultra-liberal*. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. *Envolvimento e alienação*. Trad. Álvaro de Sá. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ENRIQUEZ, Eugène. O trabalho da morte nas instituições. In: KAËS,

René. *A Instituição e as instituições: Estudos Psicanalíticos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

FLAUD, Henri Rey. Os fundamentos metapsicológicos de O mal-estar na cultura. In: *Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.

FLEIG, Mario. *Psicanálise e sintoma social II*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum*. Trad. Jorge Lima Barreto. São Paulo: Landy Editora, 2000.

FREUD, Sigmund. La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna (1908). In: *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, Tomo II.

_____. Un recuerdo infantil de Leonardo de Vinci (1910). In: *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, Tomo II.

_____. Los instintos y sus destinos (1915) In: *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973, Tomo II.

_____. *O futuro de uma ilusão* (1927). Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *O mal-estar na civilização* (1930). Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. Totem e tabu (1912). Traduzido por José Otávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GAUER, Ruth. *O Reino da Estupidez e o Reino da Razão*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

GIDE, André. *Os Falsos Moedeiros*. São Paulo: Editora Abril, 1984.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

JULIEN, Phillipe. *O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *O inumano: considerações sobre o tempo*. Trad. Ana Cristina Seabra e Elisabeth Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

MANNONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MARSHALL, T.H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

MATTEI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Entrevistado por Jean-Pierre Lebrun. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MEZAN, Renato. *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MIJOLLA, Alain de. *Dicionário Internacional da Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

MILLER, David; COLEMAN, Janet; Connolly, William; RYAN, Alan. *Dictionnaire de la pensée politique: hommes et idées*. Paris: Hatier, 1989.

MORAIS, Vinicius de. *O incriado*. In: Antologia Poética. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

NASIO, J.D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Alcebíades de. *Cidadania e novos direitos*. In: OLIVEIRA JÚNIOR, José Alcebíades de (Org.). *O novo em direito e*

política. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.

PASCAL, Blaise. Les Pensées. In: *Dictionnaire des Citations de la Langue Française*. Paris: Maxi-Livres, 2001.

PEREIRA, Robson de Freitas. A violência das aparências cotidianas. In: *Psicanálise em tempos de violência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Ano VI, n. 12. Porto Alegre: Artes e Ofícios, [...]

_____. *Litoral, sintoma, encontro – quase ensaio*. In: *Narrar-construir-interpretar*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. No. 30, 2006.

PHILIPPI, Jeanine N. *A Lei: uma abordagem a partir da leitura cruzada entre direito e psicanálise*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

RAGGIO, Alejandro. Sintoma Social: As dimensões de uma problemática. In: *Psicanálise e sintoma social II*. Mario Fleig (Org). São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998.

RAMALHO, Rosane Monteiro. *Reescrever ou inventar uma história?* In: *Narrar-construir-interpretar*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. No. 30, 2006.

RAULET, Gerard. As duas faces da morte: sobre o estatuto da agressividade e da pulsão de morte em O mal-estar na civilização. In: *Em torno de O mal-estar na cultura, de Freud*. São Paulo: Escuta, 2002.

RILHO, Valéria. Entre saber e verdade: a construção do real. In: *Narrar-construir-interpretar*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 30, 2006.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SCARFONE, Dominique. *As pulsões*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.

SÉRGIO AUGUSTO. Uma viagem pelo tempo das certezas. Caderno 2. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, domingo, 10 de dezembro de 2000.

SOUZA, Edson . *Freud*. São Paulo: Editora Abril, 2005.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. *Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Trad. Elia Ferreira Edel.

Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

VALÉRY, Paul. *Variété*. Paris: Gallimard, 1924.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VENTURA, Zuenir. *Inveja: mal secreto*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.